

PROGRAMA DO SERVIÇO DE MEDIAÇÃO E EDUCAÇÃO PATRIMONIAL

Ano letivo 2026/2027







Conteúdo

Serviço de Mediação e Educação Patrimonial	4
Visitas e Oficinas	6
Exposição Permanente	7
Visita Geral	18
Visitas Temáticas	19
Oficinas	21
O Museu fora de portas	25
Férias e Festividades	26
Outros Serviços	28
Contactos	30



Serviço de Mediação e Educação Patrimonial

O Serviço de Mediação e Educação Patrimonial (SMEP) do Museu de Arqueologia D. Diogo de Sousa (MADDS) promove a mediação e divulgação dos bens patrimoniais à sua guarda, bem como da informação que lhes está associada.

As propostas de mediação disponibilizadas pelo SMEP constituem um instrumento de trabalho em permanente construção e atualização, procurando responder às necessidades dos diferentes públicos. Neste sentido, as atividades aqui apresentadas podem ser ajustadas e enriquecidas através do trabalho colaborativo com escolas, docentes e outros parceiros, promovendo abordagens adaptadas aos diferentes níveis de ensino, disciplinas e objetivos curriculares.

Este serviço que o Museu presta destina-se a toda a comunidade. Regularmente organizam-se atividades para os seguintes públicos:

- Escolar, dos diversos níveis de ensino, com o propósito de complementar a formação curricular, promovendo, para o efeito, visitas guiadas e atividades de índole educativa e científico-cultural;
- Pré-escolar e infantil, como forma de incentivo à socialização das crianças e sensibilização para as questões relativas ao património cultural, particularmente ao património arqueológico;
- Com necessidades especiais, de acordo com a faixa etária e as especificidades de cada grupo;
- Séniores, com uma finalidade lúdica e de desenvolvimento pessoal ao longo da vida;
- Famílias, com o intuito de promover o gosto pela descoberta;
- Especializados, com o intuito de promover o conhecimento do património, a sensibilização para a preservação e divulgação de bens arqueológicos, através da oferta de atividades ajustadas aos objetivos pretendidos.

As visitas e atividades organizadas pelo SMEP têm como objetivo:

- Facilitar a interpretação do espólio arqueológico exposto no Museu, através de atividades orientadas e adaptadas;
- Fomentar a participação ativa dos visitantes, promovendo o conhecimento e a aquisição de competências;
- Dar a conhecer o historial dos objetos, desde a escavação arqueológica até à exposição, reforçando a importância da investigação e da conservação e restauro;
- Promover valores culturais, a noção de sustentabilidade e cidadania participativa;
- Estimular a imaginação, a criação artística, o espírito crítico e a inclusão de todos os cidadãos.





Visitas e Oficinas

As visitas e atividades de grupo podem ser realizadas em diferentes modalidades, de acordo com os objetivos pretendidos e o tempo disponível.

Na modalidade de Visita Livre, o SMEP não assegura acompanhamento durante o percurso. Contudo, poderá apoiar a sua preparação, disponibilizando informações e recursos mediante solicitação.

A Visita Guiada inclui acompanhamento especializado e pode ser orientada por temas específicos. Esta modalidade pode ainda ser complementada com oficinas, jogos temáticos ou outras atividades, proporcionando uma experiência mais dinâmica e participativa.

Para os grupos escolares, recomendam-se as visitas temáticas, centradas em um ou mais núcleos da Exposição Permanente e/ou das Exposições Temporárias. Esta abordagem permite adequar os conteúdos ao contexto educativo e aos objetivos de aprendizagem de cada grupo.

Tanto as visitas como as atividades podem ser ajustadas às características e necessidades de cada grupo, em articulação com a entidade organizadora.





Exposição Permanente

SALA 1

PRÉ HISTÓRIA DO NORTE DE PORTUGAL

O Paleolítico é o período mais antigo da história humana, marcado pelo uso de ferramentas de pedra. No que é hoje o litoral do Minho existem vestígios arqueológicos que testemunham a presença humana nesta região desde os 250 000 e 40 000 anos. Os utensílios encontrados correspondem a peças de grande dimensão, talhadas a partir de seixos em quartzito, dando origem a bifaces, instrumentos talhados dos dois lados, e a núcleos, blocos usados para fabricar utensílios. Durante o Paleolítico Superior (há cerca de 40 000 a 10 000 anos), os grupos humanos passaram a produzir ferramentas de quartzo mais pequenas e eficazes, como raspadores, furadores e facas. Esta mudança revela um maior domínio das técnicas de fabrico e da utilização dos recursos naturais.

O MESOLÍTICO E O NEOLÍTICO

Os trabalhos arqueológicos realizados na Serra da Cabreira (Vieira do Minho) revelaram vestígios de ocupação humana datados do Mesolítico e do Neolítico Antigo. Em pequenos abrigos naturais sob afloramentos rochosos foram encontrados utensílios de pedra de reduzidas dimensões, produzidos sobretudo em quartzo e sílex. A presença de sílex, uma matéria-prima pouco comum na região, sugere a existência de contactos e trocas com comunidades mais distantes. Mais tarde, durante o Neolítico, surgem machados de pedra polida e recipientes de cerâmica decorada, testemunhando importantes mudanças no modo de vida das populações, que passaram gradualmente da caça e da recolha para a agricultura e a pastorícia.





O NEOLÍTICO E O CALCOLÍTICO

Entre cerca de 7000 e 3000 anos antes de Cristo, as comunidades do Noroeste cultivavam a terra, recolhiam recursos naturais e caçavam. Foi também nesta época que começaram a erguer os primeiros monumentos funerários, como os dolmens, destinados a enterramentos coletivos e ligados às suas crenças e rituais. A Mamoa de Lamas, em Braga, é um exemplo destes monumentos.

Os vestígios arqueológicos encontrados mostram ainda a utilização de vasos de cerâmica e de ferramentas de pedra, testemunhando uma ligação cada vez maior à agricultura e uma permanência mais duradoura num mesmo lugar.

No Calcolítico, as áreas abertas começam a ser ocupadas, acompanhando o desenvolvimento da agricultura e da pastorícia. Surgem também os primeiros objetos em cobre, num período marcado por mudanças importantes na vida das comunidades.

A ARTE RUPESTRE

O Norte de Portugal e a Galiza conservam um vasto conjunto de gravuras rupestres ao ar livre, produzidas entre o Neolítico e a Idade do Bronze (cerca de 7000 a 1000 anos antes de Cristo). Estas gravuras foram executadas através da picotagem e da abrasão da superfície da rocha, técnicas de gravação que consistem, respetivamente, em percutir a pedra para criar sulcos e em desgastar a sua superfície por fricção, agrupando-se em duas grandes tradições.

No Alto Minho são frequentes os motivos geométricos, as figuras de animais, as representações de armas e as figuras idoliiformes, ou seja, em forma de ídolo. Estes motivos encontram-se em locais como Afife e Cardielos (Viana do Castelo), Bouça do Colado (Ponte da Barca) e Monte da Laje (Barcelos).

Já no restante território minhoto e em Trás-os-Montes predominam as representações esquemáticas e as figuras humanas estilizadas. Por isso, os conjuntos de arte rupestre destas regiões apresentam características distintas, como mostram os exemplos do Gião (Arcos de Valdevez) e de Tripe (Chaves).





A IDADE DO BRONZE NO NOROESTE DE PORTUGAL

É durante a Idade do Bronze (entre os finais do 3.º e os meados do 1.º milénio antes de Cristo) que se desenvolve a metalurgia do bronze. Embora algumas práticas funerárias anteriores se mantenham, com a utilização ocasional de túmulos megalíticos, surgem também sepulturas individuais, que poderão refletir processos de diferenciação social. No Bronze Final aparecem os primeiros recintos amuralhados, sugerindo formas de controlo e afirmação territorial por parte das comunidades. A agricultura, baseada no cultivo de cereais, articula-se com uma exploração intensiva dos recursos naturais das áreas florestais, das margens dos cursos de água e das zonas de mato, contexto em que se diversifica igualmente a produção de objetos cerâmicos.

A IDADE DO FERRO NO NOROESTE DE PORTUGAL

Na Idade do Ferro (a partir do 1.º milénio antes de Cristo), as comunidades do Noroeste viviam em povoados fortificados, designados por castros, cuja expansão se verificou ao longo desse período. Nesta fase, estes povoados revelam uma crescente complexidade organizacional e uma forte ligação à paisagem e aos recursos do território envolvente. A economia baseava-se na agricultura e na criação de gado, sendo acompanhada por melhorias técnicas nas áreas da olaria e da metalurgia.





SALA 2

O COMÉRCIO A LONGA DISTÂNCIA.

Entre os séculos II e I antes de Cristo, o território onde viria a nascer *Bracara Augusta* começou a integrar-se de forma lenta no mundo romano. A localização estratégica da região facilitava a circulação de pessoas, produtos e ideias, ligando-a a importantes rotas comerciais. Os objetos expostos mostram a chegada de produtos provenientes de regiões distantes, como Itália, o sul da Península Ibérica, Alexandria ou Chipre. Vidros, cerâmicas finas e ânforas usadas para transportar vinho, azeite e preparados piscícolas testemunham a integração progressiva da região numa vasta rede de contactos que se estendia por todo o Mediterrâneo. Este conjunto revela que as populações que habitavam o noroeste peninsular participavam já em redes de intercâmbio de grande escala, muito antes da fundação da cidade romana.

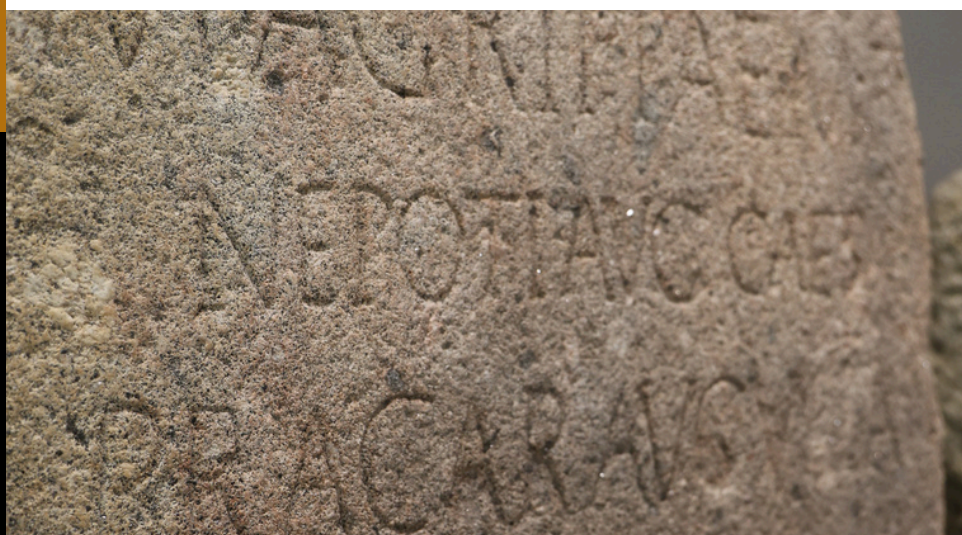
A CIRCULAÇÃO MONETÁRIA

A circulação monetária nesta região intensificou-se com a presença romana. Augusto promoveu a cunhagem de moedas que simbolizam a ligação entre o Império e as comunidades locais, evidenciada pela representação da *caetra*. Durante o século I depois de Cristo são frequentes as moedas provenientes do Vale do Ebro (atual nordeste de Espanha), enquanto a partir do século II predominam as emissões cunhadas em Roma. No século III generaliza-se o uso dos antoninianos, moeda introduzida pelo imperador Caracala. Já a partir do século IV tornam-se mais frequentes os *folles*, que são moedas de menor dimensão e valor, associadas às reformas monetárias do Baixo Império.

PRODUÇÃO LOCAL - AS INDÚSTRIAS ARTESANAIS

A posição política e comercial de *Bracara Augusta* favoreceu a instalação de oficinas de vidro, metalúrgicas e oleiras. Tanto na cidade como na sua periferia foram identificados vários centros de produção que contribuíam para o abastecimento local e regional, evidenciando o dinamismo económico deste território. No domínio da produção cerâmica, destaca-se a área de Prado/Ucha, onde se concentravam importantes oficinas oleiras.







SALA 3

O URBANISMO

Bracara Augusta foi fundada por volta de 16-15 antes de Cristo no território dos *Bracari*, povo que habitava a região entre os rios Neiva e Ave. Sede de convento jurídico, desempenhava funções judiciais, fiscais, militares e religiosas. A cidade foi planeada segundo o modelo urbano romano, organizando-se através de um traçado ortogonal definido por duas vias principais: o cardo, com orientação norte-sul, e o decumano, com orientação este-oeste. Estas ruas estruturavam os quarteirões urbanos (*insulae*), enquanto os pórticos ampliavam o espaço das *tabernae*, estabelecimentos dedicados ao comércio e a outras atividades económicas. Entre os séculos I e II depois de Cristo, *Bracara Augusta* atingiu o seu período de maior desenvolvimento urbanístico, com a construção de edifícios públicos como as termas e o teatro. Já nos séculos III e IV, a construção da muralha e de novos espaços públicos acompanhou a sua afirmação como capital da Galécia. Os vestígios arqueológicos preservados testemunham a importância política, económica e religiosa que a cidade alcançou no contexto do mundo romano.

OS ESPAÇOS PÚBLICOS

Na zona nobre de *Bracara Augusta*, na Colina do Alto da Cividade, situava-se o fórum administrativo, centro político e religioso da cidade. Junto da atual Sé Catedral poderá ter existido um espaço público de carácter comercial, possivelmente um mercado romano (*macellum*), embora sem consenso definitivo. A hipótese de um templo de Ísis permanece por confirmar arqueologicamente.

Entre os principais edifícios públicos destacam-se as Termas do Alto da Cividade, construídas no início do século II e associadas a um teatro. O complexo incluía uma zona de *frigidarium*, *tepidarium*, *caldarium*, áreas de serviço e uma ampla palestra, tendo sido remodelado várias vezes até ao seu abandono no século V.





O ESPAÇO DOMÉSTICO E PRIVADO

A *Domus* das Carvalheiras, situada junto ao fórum de *Bracara Augusta*, é um dos mais bem conservados exemplos de habitação romana da cidade. Construída na época flávia (69–96 depois de Cristo), foi remodelada nos séculos II e III/IV e abandonada no século V. Ocupava um quarteirão completo, integrando átrio, peristilo, áreas residenciais, lojas e um balneário privado.

As casas romanas refletiam conforto, funcionalidade e estatuto social. Organizadas em torno do átrio e do peristilo, incluíam espaços de receção, quartos, cozinha, latrina e, por vezes, balneário. O espólio arqueológico, com lucernas, cerâmicas diversas, utensílios domésticos, joias, objetos votivos e instrumentos de escrita, testemunha o quotidiano, os hábitos de consumo, as crenças e as atividades dos seus habitantes.

SALA 4

AS VIAS

No século III, o Itinerário de Antonino registava as vias que ligavam *Bracara Augusta* a outras cidades do Império Romano. Esta vasta rede viária assegurava a ligação da cidade aos principais centros urbanos e portos, favorecendo a circulação de pessoas, bens e ideias. Destaca-se o elevado número de miliários encontrados na região bracarense, um conjunto excecional que testemunha a importância estratégica da cidade e a sua profunda integração na administração romana, refletindo a afirmação do poder imperial nos territórios mais ocidentais do Império.

O MUNDO DOS MORTOS

As necrópoles romanas desenvolviam-se ao longo das principais vias de saída de *Bracara Augusta* fora do espaço urbano, como determinava a tradição romana. O estudo de espaços funerários, como os da Via XVII, utilizados entre os séculos I e VI depois de Cristo, permitem conhecer a evolução dos rituais funerários, as crenças e a diversidade social da população. O espólio, que inclui estelas, urnas, lucernas, joias e outros objetos de acompanhamento funerário, testemunha práticas de cremação e inumação e evidencia uma sociedade romana socialmente diferenciada.



O SAGRADO

Os habitantes de *Bracara Augusta* expressavam a sua religiosidade através de monumentos e inscrições votivas dedicadas a divindades indígenas e romanas. As aras votivas conhecidas testemunham a diversidade de cultos presentes na cidade, entre os quais se encontram Nabia, Júpiter e os *Lares Viales* (divindades protetoras dos caminhos, estradas e encruzilhadas, bem como evidências epigráficas associadas ao culto de Ísis (divindade de origem egípcia). Estes testemunhos revelam os processos de integração cultural característicos da época romana e a importância das práticas religiosas na vida da comunidade.

ANTIGUIDADE TARDIA

Entre os séculos V e VII, Braga afirmou-se como um dos principais centros políticos e religiosos do Noroeste peninsular e capital do Reino Suevo, mantendo a sua relevância durante o período visigótico. A ação da Igreja, associada a figuras como São Martinho de Dume, contribuiu para a difusão do Cristianismo e para a reorganização das estruturas herdadas do mundo romano. O espólio arqueológico, que inclui fragmentos de cancelas, capitais e outros elementos arquitetónicos, testemunha a progressiva afirmação de uma sociedade de matriz cristã. Estes vestígios evidenciam a importância de Braga como centro político, religioso e cultural da Antiguidade Tardia.





MOSAICO ROMANO

Durante as escavações realizadas antes da construção do edifício do Museu, em 1992, foram identificados vestígios de uma habitação romana do século I depois de Cristo, entre os quais se destaca um pavimento em mosaico, uma descoberta rara devido às condições de acidez do solo desta região. Integrado no percurso expositivo, este espaço preserva mosaicos de motivos geométricos bicromos, executados em tesselas de granito e calcário. Entre os painéis destacam-se um tabuleiro com cruzetas centrais e outro composto por quadrículas em forma de ampulheta, testemunhando a qualidade decorativa das habitações de *Bracara Augusta*.

SALA BÜHLER-BROCKHAUS

A ANTIGUIDADE CLÁSSICA NO MEDITERRÂNEO

A Coleção Bühler-Brockhaus apresenta uma notável seleção de obras gregas, etruscas e romanas, incluindo esculturas em mármore, mosaicos, vasos cerâmicos e de vidro, bronzes e objetos de adorno. Resultante da doação de Hans-Peter Bühler e Marion Bühler-Brockhaus, este conjunto de bens culturais ampliam a representação do Mundo Clássico no Museu, proporcionando novas perspetivas de conhecimento e valorização deste património. A sua integração reforça a projeção internacional da instituição e a sua vocação para o estudo, a investigação e a divulgação cultural.



Visita Geral

DA PRÉ HISTÓRIA À ANTIGUIDADE TARDIA

Viagem no tempo, à descoberta da história da região de Braga e do noroeste de Portugal, desde as primeiras comunidades humanas até à Alta Idade Média.

Através de uma visita guiada dinâmica, os participantes terão a oportunidade de explorar as diferentes salas da exposição permanente, observar objetos arqueológicos autênticos – como as ferramentas de pedra, as cerâmicas, as moedas, as esculturas e mosaicos – e compreender como viviam as comunidades humanas que ocuparam e transformaram este território ao longo de milhares de anos.

Uma abordagem acessível e envolvente, a visita promove o contacto direto com o património arqueológico, reforça os conteúdos curriculares de diferentes disciplinas e estimula o pensamento crítico e a valorização da memória coletiva.

- Terça a sexta-feira das 10h00 às 17h00
- Público: escolar (adaptado ao ano de escolaridade)
- Duração: 60 a 75 minutos
- Nº de participantes: uma turma (20-25 estudantes)
- Gratuito: em contexto de visita escolar
- Agendamento obrigatório



Visitas Temáticas

A ARTE CLÁSSICA DO MEDITERRÂNEO A DOAÇÃO BÜHLER-BROCKHAUS

Esta visita oferece uma oportunidade de explorar de perto objetos originais das civilizações egípcia, etrusca, grega e romana, permitindo um contacto direto com testemunhos materiais que atravessaram séculos. Entre os grandes destaques desta coleção encontra-se busto do Imperador Augusto que assume um papel central, não apenas enquanto fundador da cidade de Bracara Augusta, mas também pela sua importância política e forma como personifica a propaganda imperial romana.

Ao longo do percurso expositivo, há a oportunidade de observar a diversidade de peças singulares, como painéis de mosaicos, cerâmicas decorativas, esculturas, objetos do quotidiano e artefactos votivos, cada um oferecendo pistas sobre a vida, as crenças, os valores e as práticas culturais das comunidades antigas que ocuparam as margens do mediterrâneo.

- Terça a sexta-feira das 10h00 às 17h00
- Público: escolar (adaptado ao ano de escolaridade)
- Duração: 60 a 75 minutos
- Nº de participantes: uma turma (20-25 estudantes)
- Gratuito: em contexto de visita escolar
- Agendamento obrigatório

INVESTIGAÇÃO, DOCUMENTAÇÃO E PRESERVAÇÃO DO PATRIMÓNIO

Esta visita oferece uma visão do trabalho metodológico que sustenta a preservação e o estudo do património arqueológico do Museu. O percurso incluiu três núcleos fundamentais: as Reservas, o Gabinete de Desenho Arqueológico e o Laboratório de Conservação e Restauro.

Nas Reservas, há o contacto com o espaço de depósitos dos mais diversos materiais arqueológicos. No Gabinete de Desenho Arqueológico, exploram-se os métodos de representação gráfica e registo técnico dos objetos arqueológicos, tarefa essencial para a investigação e comunicação científica. Já no Laboratório, há o contacto com os procedimentos de limpeza e estabilização de materiais arqueológicos, com base em protocolos e técnicas de conservação especializada.

- Terça a sexta-feira das 10h00 às 17h00
- Público: escolar (adaptado ao ano de escolaridade)
- Duração: 60 a 75 minutos
- Nº de participantes: uma turma (20-25 estudantes)
- Gratuito: em contexto de visita escolar
- Agendamento obrigatório

COMO COMUNICÁVAMOS E QUAL SERÁ O FUTURO DA COMUNICAÇÃO?

Esta visita temática explora a evolução da comunicação humana, desde a Pré-história até à atualidade. Através das coleções do Museu e da biblioteca, os participantes descobrem diferentes suportes de escrita e refletem sobre o papel da leitura e do património. A atividade termina com a visualização de um excerto do filme O Nome da Rosa e um debate sobre o futuro da comunicação

- Terça a sexta-feira das 10h00 às 17h00
- Público: escolar (adaptado ao ano de escolaridade)
- Duração: 60 a 75 minutos
- N° de participantes: uma turma (20-25 estudantes)
- Gratuito: em contexto de visita escolar
- Agendamento obrigatório



Oficinas

A ARTE RUPESTRE NO NOROESTE

Antes do Homem conhecer a escrita, já comunicava através de outras formas.

Até nós, chegaram gravuras ou desenhos feitos na pedra, típicos da arte rupestre em que se representam múltiplos símbolos repletos de significados. Nesta oficina, os participantes vão explorar esta forma de comunicação criada pelas antigas comunidades humanas do Noroeste de Portugal e criar a sua proposta artística.

- Terça a sexta-feira das 10h00 às 17h00
- Público: escolar (adaptado ao ano de escolaridade)
- Duração: 60 a 75 minutos
- N° de participantes: uma turma (20-25 estudantes)
- Valor: 2€ por participante
- Agendamento obrigatório

CAÇA AOS COMEDORES DE LIVROS!

Sabiam que os livros também são um alimento? Eles encham a barriguinha de insetos, será que devemos permitir que nos roubem o alimento das nossas mentes?

Ao longo da atividade, será proporcionado um momento de aprendizagem sobre os diferentes tipos de danos e pragas que afetam os livros, permitindo, de forma interativa, o contacto com alguns dos materiais utilizados na manutenção e limpeza de obras documentais. Segue-se uma componente prática de exploração, onde se procederá à identificação e recolha de “comedores de livros”, representados por insetos em plástico previamente distribuídos pelo espaço, promovendo uma atividade dinâmica de observação e procura.

- Terça a sexta-feira das 10h00 às 17h00
- Público: escolar (adaptado ao ano de escolaridade)
- Duração: 60 a 75 minutos
- N° de participantes: uma turma (20-25 estudantes)
- Valor: 2€ por participante
- Agendamento obrigatório

MODELANDO A CERÂMICA PRÉ E PROTO-HISTÓRICA

Nesta atividade propõe-se uma abordagem à evolução da cerâmica ao longo dos tempos.

Após a observação direta e manuseamento de cerâmicas arqueológicas, os participantes criarão a sua própria peça.

- Terça a sexta-feira das 10h00 às 17h00
- Público: escolar (adaptado ao ano de escolaridade) – poderá ser associada uma visita temática
- Duração: 60 a 75 minutos
- Nº de participantes: uma turma (20-25 estudantes)
- Valor: 3€ por participante
- Agendamento obrigatório

VAMOS FAZER UM MOSAICO!

Nesta oficina criativa, propõe-se a descoberta da arte dos mosaicos romanos, através da exploração dos seus padrões, nomeadamente formas e cores, integrada numa visita ao espaço expositivo.

Após a observação dos mosaicos expostos, os participantes criarão um mosaico, utilizando tesselas coloridas para a construção de padrões simples e geométricos.

- Terça a sexta-feira das 10h00 às 17h00
- Público: escolar (adaptado ao ano de escolaridade) – poderá ser associada uma visita temática
- Duração: 60 a 75 minutos
- Nº de participantes: uma turma (20-25 estudantes)
- Valor: 3€ por participante
- Agendamento obrigatório

APRENDIZ DE ARQUEÓLOGO

Nesta oficina, os participantes tornam-se arqueólogos por um dia, assumindo o desafio de descobrir vestígios de diferentes épocas numa escavação simulada.

À medida que escavam, poderão encontrar objetos que remetem para diferentes períodos do passado.

A partir dos achados, os estudantes poderão refletir sobre o que estes objetos nos dizem sobre a vida dessas comunidades.

A oficina termina com a montagem de uma linha do tempo com os vestígios encontrados.

- Terça a sexta-feira das 10h00 às 17h00
- Público: pré-escolar
- Duração: 60 a 75 minutos
- Nº de participantes: uma turma (20-25 estudantes)
- Gratuito: em contexto de visita escolar
- Agendamento obrigatório

A BIODIVERSIDADE

Nesta oficina de exploração, propõe-se a exploração dos diversos ecossistemas presentes nos espaços exteriores do Museu, como o jardim e a zona de floresta.

Através da observação e com o manuseamento de alguns materiais pedagógicos, os participantes são desafiados, durante o percurso, a descobrir a biodiversidade neste espaço e a necessidade da sua preservação.

- Terça a sexta-feira das 10h00 às 17h00
- Público: escolar (adaptado ao ano de escolaridade)
- Duração: 60 a 75 minutos
- Nº de participantes: uma turma (20-25 estudantes)
- Gratuito: em contexto de visita escolar
- Agendamento obrigatório

O MEU HERBÁRIO

Nesta atividade, os participantes realizarão um percurso pelo jardim e uma pequena área florestal do Museu em que poderão conhecer melhor algumas espécies da vegetação autóctone, identificar diferentes plantas e recolher elementos naturais de forma responsável. No final do percurso, cada participante poderá construir o seu próprio herbário com os materiais recolhidos, promovendo a observação, a aprendizagem, a criatividade e uma maior consciência da importância da preservação da natureza.

- Terça a sexta-feira das 10h00 às 17h00
- Público: escolar (adaptado ao ano de escolaridade)
- Duração: 60 a 75 minutos
- N° de participantes: uma turma (20-25 estudantes)
- Valor: 3€ por participante
- Agendamento obrigatório

TEATRO DE MARIONETAS

Uma pequena figura de barro emerge da terra e desperta a curiosidade de quem a encontra. À sua volta cruzam-se diferentes personagens: um arqueólogo, um oleiro, um aprendiz, um viajante e uma menina ligada à terra de uma forma muito especial. Entre caminhos percorridos, objetos, encontros e despedidas, desenha-se uma viagem onde passado e presente se entrelaçam.

Através da manipulação de marionetas, do trabalho sobre o barro e da relação entre os personagens, o espetáculo explora temas como a memória, a transformação, a criação e a transmissão de saberes. O barro, a terra e os objetos tornam-se elementos vivos que guardam histórias e aproximam gerações.

- Terça a sexta-feira das 10h00 às 17h00
- Público: pré-escolar e 1º ciclo
- Duração: 60 a 75 minutos
- N° de participantes: uma turma (20-25 estudantes)
- Gratuito: em contexto de visita escolar
- Agendamento obrigatório



O Museu Fora de Portas

A iniciativa “Museu Fora de Portas” pretende aproximar o Museu da comunidade escolar, promovendo as aprendizagens através do contacto direto com o património, em contextos diferentes dos habitualmente associados ao espaço museológico.

O Museu disponibiliza apoio na organização de atividades a realizar nas escolas e nos seus mais diversos projetos escolares.

Caso os professores ou grupos disciplinares pretendam a deslocação da equipa do SMEP à escola para a realização de atividades específicas, articuladas com o currículo letivo, estamos disponíveis para colaborar na sua conceção e implementação.

As atividades poderão incluir oficinas ou sessões temáticas de exploração de conteúdos específicos.

Solicitamos o contacto prévio para definição dos objetivos, enquadramento pedagógico e agendamento da atividade.





Férias e Festividades

Ao longo do ano serão dinamizadas outras atividades associadas a datas comemorativas e momentos relevantes da programação, concebidas para promover a participação de diferentes públicos e garantir condições de acessibilidade e inclusão. As iniciativas e as respetivas modalidades de participação serão divulgadas oportunamente através dos canais habituais de comunicação. Sempre que se revele pertinente, estas atividades poderão ser previamente articuladas com os estabelecimentos de ensino, de modo a reforçar o seu impacto educativo e a participação da comunidade escolar.

BRAGA ROMANA

Se em Roma sê romano, em *Bracara Augusta* sê bracaraugustano!

Durante o mês de maio promovemos uma série de atividades de sensibilização patrimonial e arqueológica para escolas, e outros grupos no âmbito da realização da Braga Romana.





DATAS ESPECIAIS

21 e 22 de março – Semana da Árvore e da Água

27 de março – Dia Mundial do Teatro

28 de março – Criação do Museu D. Diogo de Sousa

18 de abril – Dia Internacional dos Monumentos e Sítios

22 de abril – Dia Internacional da Terra

23 de abril – Dia Mundial do Livro

abril – Dia Europeu da Cultura Megalítica

18 de maio – Dia Internacional dos Museus

20 de maio – Dia da Abelha

22 de maio – Dia da Biodiversidade

1 de junho – Dia da Criança

junho – Jornadas Europeias da Arqueologia

26 de julho – Dia dos Avós

setembro – Jornadas Europeias do Património

setembro – Noite Europeia dos Investigadores

9 de outubro – Dia Europeu da Arte Rupestre

10 de outubro – Dia da Conservação e Restauro

16 de outubro – Dia da Alimentação

23 de novembro – Dia da Floresta Autóctone

24 de novembro – Dia Mundial da Ciência e o Dia Nacional da Cultura Científica

FÉRIAS NO MUSEU

Durante os períodos das férias escolas organizámos iniciativas variadas adaptadas à data e estação do ano. O programa será divulgado atempadamente.



Outros Serviços

para a realização das mais variadas iniciativas: trabalhos de investigação e estudo, conferências, colóquios, reuniões, workshops, lançamento de publicações de diversas tipologias, apresentação de livros. Ainda temos condições para a realização de exposições temporárias, concertos, espetáculos, cocktails e outras atividades. Estas atividades podem ser realizadas em vários espaços:

- Salas de exposição
- Biblioteca
- Auditório
- Teatro do jardim
- Jardim principal
- Jardim dos miliários
- Cafetaria (temporariamente encerrada)

Estes espaços permitem o acesso a pessoas com mobilidade condicionada, dispondo de diversos dispositivos e soluções de apoio que promovem a sua autonomia e independência.







Contactos

Museu de Arqueologia D. Diogo de Sousa
Rua dos Bombeiros Voluntários – 4700-025 Braga
Telefone: (+351) 253 273 706 / (+351) 253 615 844
geral@maddiogosousa.pt

MARCAÇÃO DE VISITAS E OUTRAS ATIVIDADES

As marcações podem ser efetuadas através do e-mail se@maddiogosousa.pt, por telefone ou presencialmente na Receção do Museu.

Todas as marcações devem ser obrigatoriamente confirmadas pelo SMEP, por correio eletrónico.

Outras informações:

- A marcação deve ser efetuada, sempre que possível, com um mínimo de 15 dias de antecedência.
- Informações a facultar ao SMEP no momento da marcação: número de participantes, grupo etário ou grau de ensino, hora de chegada e objetivo da visita.
- A desistência de uma atividade deve ser comunicada com antecedência de 5 dias.
- Os educadores, professores e auxiliares de ação educativa devem acompanhar os respetivos grupos em todos os momentos da sua permanência no Museu.
- Agradecemos a pontualidade das escolas.
- Por motivos imprevistos, o programa pode estar sujeito a alterações de calendário e/ou de horário.

O leque de atividades e visitas poderá ser alargado. Quaisquer novas iniciativas serão divulgadas oportunamente através dos canais habituais de comunicação.

HORÁRIO DO MUSEU

De terça-feira a domingo, das 10h00 às 17h30.

Encerrado todas as segundas-feiras, 1 de janeiro, domingo de Páscoa, 1 de maio, 24 de junho e 25 de dezembro.



